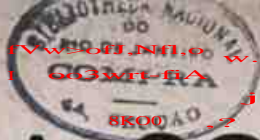
Sabbado 21 de Outubro de 1916

Num. 435

Anno IX

UM CORPO DE EXERCITO

EMILIO — Ahi tens tu... Em que deram as tuas lições de civismo

CASA COLOMBO

DEPARTAMENTO DE ARTIGOS PARA CREANÇAS

SECÇÃO ESPECIAL EM ARTIGOS PARA RECEM-NASCIDOS

Camisinhas de cambraia fina enfeitadas com rendas e fitas, a... 1$800

Fralda-calça de linho, enfeitada com festonné, a........ 2$000

ROUPAS DE MENINOS E MENINAS PARA TODAS AS IDADES

Cueiros de flanella branca com bretella, compridos........ 4$000

Curtos........ 3$500

Idem, idem de fustão felpudo, compridos a 2$000

Curtos a........ 1$500

Fraldas em bom morim, duzia........ 11$000

Brassière de lã, artigo fino, a........ 5$000

Capotinho de tricot de lã, desde........ 8$500

Sapatinhos em fino tricot de lã, desde........ 1$500

Toucas de seda, artigo bom, desde........ 12$000

Pelisses de fustão com bordado, desde........ 22$000

Babeiro atoalhado, desde........ 1$000

Idem de fustão felpudo........ 1$200

FIDALGA
em qualquer roda
é a
Cerveja da Moda

Na escola primaria

O professor estava explicando uma lição sobre a conta de subtrahir. Tinha dado aos alumnos uma infinidade de exemplos, para lhes desvendar os mysterios dessa operação mathematica, e, apezar disto, os meninos continuavam na mesma.

Desesperado com a estupidez das respostas que lhe davam os discipulos, o mestre acabou por prometter cinco tostões áquelle que fosse capaz de responder com acerto.

— Já lhes tenho dito muitas vezes que só se podem subtrahir coisas da mesma especie. Por exemplo, não se podem tirar *tres* laranjas de *sete* lapis, nem *quatro* cavallos de *dez* batatas.

Nisto, levanta-se um braço de lá do fundo da classe, e o professor teve de interromper-se para indagar o que pretendia o possuidor de tal braço.

— Desculpe, *sió* mestre, sibilou a voz aguda de um menino. Mas então, não se pode tirar *cinco* tostões de *uma* bolsa?

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO . . . . . . 15$000 | SEMESTRE . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . 300 Rs.—ESTADOS. . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 435 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 21 — OUTUBRO — 1916 — ANNO IX

Paraná-Santa-Catharina

No momento em que, jubilosa, a nação brasileira applaudia a feliz solução com que ia ser difinitivamente encerrada, com honra para os contendores, a velha questão de limites entre Paraná e Santa Catharina, o dr. Affonso Camargo, illustre presidente paranaense, surprehendendo o paiz com um inesperado gesto de recúo imposto pelo pavôr, atirou uma sombra carregada de ameaças e de tristezas sobre a expontanea alegria nacional.

O recúo do Presidente paranaense, que se deixou impressionar pelas confusas vociferações dos politiqueiros curytibanos, impõe a quem escreve, o recto dever de dar á generosa attitude do governo e do povo de Santa Catharina, o merecido destaque.

Em vinte annos, o Supremo Tribunal Federal reconheceu cinco vezes o direito integral de Santa Catharina sobre o extenso territorio que lhe disputa o Paraná. Em accordãos provocados directamente pelos advogados das partes litigantes, o Supremo proclamou tres vezes aquelles direitos, e expontaneamente, sentenciando sobre um caso de jurisdicção e tratando da navegação do Rio Negro, confirmou o juizo expresso nos referidos accordãos.

Contra o nitido direito amplamente reconhecido a Santa Catharina, o Paraná apenas allegava uma posse arbitraria, perturbada incessantemente pelos reiterados protestos do proprietario legitimo.

Assim sendo, nos termos do accordo negociado pela paciente cordura do Presidente Wencesláo e acceito pelo governo catharinense vencido por elevadas razões de ordem nacional, Santa Catharina cedia a metade de uma região que lhe pertence de direito e o Paraná, nada cedendo, apenas desistia de continuar numa incommoda situação de absoluta inferioridade.

O lucro de Santa Catharina era, ao lado da alta satisfação moral de haver altruisticamente attendido aos expressos votos fraternaes do Brasil inteiro, tirar de uma afflictiva situação de anormalidade anarchica uma bôa parte das suas terras e da sua gente.

Com os indestructiveis direitos que lhe reconhecem os tribunaes, Santa Catharina, se fosse um Estado da grandeza material de Minas ou da importancia politica de S. Paulo, já teria resolvido a questão, entrando difinitivamente na posse legal do Contestado.

As razões de ultima hora oppostas á assignatura do accordo pelo apavorado Presidente paranaense demonstram que o dr. Affonso Camargo desconhecia as leis do Estado que preside ou que agiu com indigna má fé quando, installado em seu palacio de Curityba, longamente discutio e combinou os termos do accordo que o trouxe, como ao Presidente catharinense, á Capital da Republica.

As negociações de que resultam os accordos desse genero são lentas e exigem tempo, e não foi certamente para uma demorada discussão que o Presidente da Republica chamou para fóra das suas capitaes aos chefes de dois governos.

A lei em que se baseia o sr. Camargo para exigir um longo prazo para a execução do accordo, é um vibrante reconhecimento dos direitos de Santa Catharina, pois prohibe o governador de alienar, sem umas certas formalidades, o territorio possuido ou occupado pelo Estado. Ha, pois, uma lei do Paraná em que se diz que o Estado occupa um territorio que não possue.

Se o accordo for feito a longo praso, a praso maior de dois annos, não passará de uma ridicula farça sem garantias de execução, pois nesse periodo de tempo os tres presidentes que o negociaram — o do Brasil, o do Paraná e o de Santa Catharina — terão sahido do governo ou estarão com a autoridade naturalmente enfraquecida, num triste fim de mandato.

Recusando-se a fazer o accordo nos generosos termos acceitos por Santa Catharina, que esperam os estadistas do Paraná?

Em vinte annos, cinco veses o mais alto tribunal brasileiro reconheceu e proclamou o legitimo direito catharinense ás terras usurpadas pelos governantes de Curityba.

Sem recurso legal, que esperam o Presidente Camargo e os politicos do seu futuroso Estado? Uma violencia armada provocaria, com a vingadora colera do paiz inteiro, a intervenção constitucional dos poderes federaes. Não queremos crer — e estes são os unicos meios que lhe restariam — que o Paraná pretenda corromper com o seu ouro a severa consciencia dos nossos juizes supremos ou que espere conseguir o predominio politico necessario para modificar a sua penosa situação por meio de um golpe revolucionario dado com o auxilio do Congresso Federal.

Terra fecunda e bôa, de gente activa e trabalhadora, o prospero Estado do Paraná não necessita, para ser grande, perturbar a vida brasileira com ridiculas manifestações de patriotismo regional.

Reconciliando-se, neste momento, com a visinha gente catharinense, prestará á unidade da patria brasileira um serviço que as gerações futuras lhe agradecerão com o carinho com que l'ho pede o Brasil contemporaneo.

Um estado carbonifero

— Eu acho que a intervenção em Matto Grosso éra acertada. Depois de ateado o fogo, naquellas mattas virgens, o governo resolvia a crise do carvão.

Um remedio maravilhoso

O seguinte caso, cuja authenticidade garantimos, passou-se ha cerca de dez annos no municipio de Grão Mogol, norte de Minas. Os nomes e profissões dos personagens vão propositalmente disfarçados, para não ferir susceptibilidades, pois o facto é conhecido apenas por duas ou tres pessôas.

Certo dia um garimpeiro chegou ao arraial de X. naquelle municipio, mostrando um bello diamante que tinha encontrado, quando trabalhava num corrego. A pedra era graúda, mas por ter alguns pontos e jaças, poderia valer uns tres ou quatro contos apenas.

Para festejar o feliz achado, o tal faiscador convidou alguns amigos para um *xico-angu* (ceia com bebidas, na giria local), na casa de uma sua velha comadre, a tia Placida.

Correu na mais franca alegria e camaradagem a appetitosa ceia, composta de frango de môlho pardo, tutú de feijão com carne de porco e algumas garrafas da celebre canninha da Serra Negra, sendo o garimpeiro saudado num amistoso brinde pelo Zé Liborio, subdelegado do arraial, um dos presentes á sucia.

Terminado o *xico-angu*, o faiscador, mais uma vez, mostrou aos amigos o seu valioso diamante que correu de mão em mão, muito elogiado por todos. Quando o subdelegado o examinava, elle escapuliu e cahiu debaixo da mesa. José Liborio abaixou-se rapidamente, ajoelhou no chão, riscou um phosphoro e começou a procurar, mas não encontrava a pedra. Os outros fizeram o mesmo, mas tambem sem resultado. Afastaram a mesa, os tamborêtes, esquadrinharam o chão, frincha por frincha, e... nada!

O subdelegado mostrava-se desolado. Um sumiço assim! O pobre faiscador, si nutria alguma suspeita, teve a prudencia de não manifestal-a, lembrando-se da cadeia escura e humida, dos horrores do *tronco*... Mas Zé Liborio parecia incommodadissimo; e quando já estavam cançados de procurar o diamante, disse aos companheiros:

— Meus amigos, tive uma lembrança. Vamos dar uma busca em nós todos, pois o diamante póde ter ficado preso nalguma dobra da roupa de algum de nós. Não ha motivo para offensa, pois exijo que comecem por mim!

E dizendo isto, o subdelegado despiu-se completamente e entregou aos companheiros a sua roupa que foi examinada, prega por prega. Nada! Zé Liborio levou o seu escrupulo ao ponto de pedir á tia Placida um pente fino que um dos presentes lhe passou no cabello. O diamante não apparecia. Todos os presentes — oito pessôas — soffreram o mesmo exame, até o infeliz garimpeiro, mas... sem resultado... Era um verdadeiro mysterio!

No dia seguinte, muito cedo, o Zé Liborio foi á botica do Neco da Calçada pedir-lhe uma dóse do seu famoso remedio contra colicas intestinaes:

— Oh Neco! Me dê um pouco da sua *mèsinha*. Estive hontem numa ceia, comi de mais, e estou agora com uma medonha dôr de barriga!

O boticario deu-lhe um purgativo qualquer... Dias depois, o subdelegado (reconhecidamente pobre) começou a construir uma elegante chacara, para a sua filha que ia se casar.

C.

Com o consentimento e auxilio da familia de *Annibal Theophilo*, os homens de letras que tiveram a honra de manter relações de amizade intima com esse illustre poeta, vão promover a necessaria publicação da sua obra literaria.

Além do primeiro volume das *Rimas*, volume impresso em Portugal e jamais exposto á venda por estar inçado de erros que escaparam ao revisor, *Annibal* devia ter deixado, inteiramente prompta, a segunda parte dessa obra e mais o poemeto *Dona Branca* e um drama em verso. Em prosa, o seu unico trabalho conhecido por seus amigos, era a excellente conferencia sobre *Os trovadores arabes da Hespanha*.

E' possivel e quasi certo que o sereno e magoado pensador da *Cegonha* tenha legado á admiração dos seus compatricios poemas que se conservam ineditos e dos quaes não chegára a falar aos seus companheiros e confrades. *Annibal Theophilo*, em tudo o que se prendia á sua individualidade e á sua função de artista, era de uma descripção só comparavel á sua infinita modestia e quando, por acaso ou reiterada solicitação, recitava uma poesia nova aos seus collegas, fazia-o com o commovido embaraço de um estreante.

Depois do cruel assassinato de *Annibal Theophilo*, os papeis do poeta foram carinhosamente reunidos sem outra preoccupação que não a de serem guardados, e permanecem inviolados, sob o vigilante cuidado dos seus herdeiros.

O glorioso exito que consagrou em Portugal e no Brasil as primeiras *Rimas* julgadas pela severidade imparcial dos criticos dos dois paizes assignalará, repetindo-se, a publicação definitiva da obra que, mesmo interrompida e quebrada pela morte, elevará o brilhante nome do infeliz innovador da poetica camoneana á luminosa altura em que pairam os maiores lyricos da lingua portugueza.

No jury

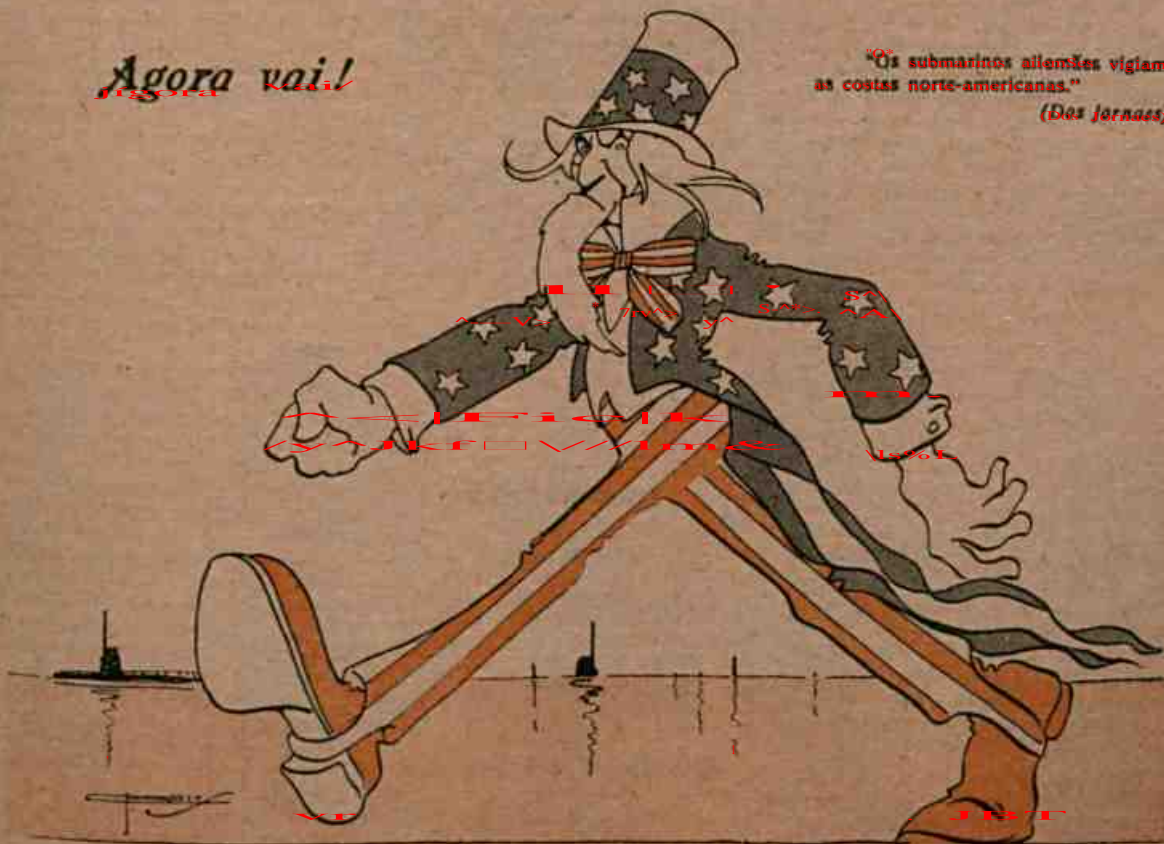
O juiz pergunta a um caipira, testemunha de um feroz assassinato :

— Porque não acudiu ao ouvir os gritos da victima ?

— Porque, senhor juiz, é preferivel ser covarde cinco minutos do que defunto toda a vida.

Agora vai!

"Os submarinos allemães vigiam as costas norte-americanas."

(Dos Jornaes)

Tio Sam — Isso é demais! Agora elles vão vêr! Eu vou já... redigir uma nota.

LA CARÈTE ÉCONOMIQUE

Journal hebdomadaire consagré aux interets de qui pague bien

INDUSTRIE — COMMERCE — FINANCES — POLITIQUE — CAVATIONS

Apparait touts les sabbades — Organe allié

N. 1019 | 21 — October — 1916 | Prèce 300 rs.

ARTIGUE DE FOND

La solution de la question de limites entre Paraná e Ste. Catherine

Le seigneur President de la Republique, docteur Wenceslão Braz Poirier Gomes acabe de larrer un tent consequant la solution de la seculaire question de limites qui separait un de l'autre E'tats de Paraná et Ste. Catherine, deux E'tats tant futureux du Sud du Brésil et qui andaient de candeie aux averses il y a tant temps, mettant mède à la gent de se peguer un avec l'autre comme s'ils fussent allemands contre alliés.

Cette question de limites entre les E'tats est une question hermetique, iste c'est, nous voulons dire une asnière.

Avec effect de qui est tout le territoire du Brésil?

Est du Brésil même, est vu. Pour consequence pourquoi cettes encrenques entre les E'tats, chaque um d'eux puxant la braize pour sa sardine, alleguant une portion de motifs de mauvais pagadeur pour ne donner a Paul ce qui est de Paul, a Pierre ce qui est de Pierre, a Sanche ce qui est de Sanche, a Martin ce qui est de Martin, quand tout la gent est farte de savoir qui les terres ne pertencent pas ni a Paul, ni a Pierre, ni a Sanche ni a Martin et oui au Brésil?

Est asnière ou non?

Claire comme eau de pot.

La gent alen de ça tient tantes terres qui le senateur Azerède conste qui va presenter à la consideration du Senat un project autorisant le gouverne a vender aux americains, turcs, japonais et enfins a touts les peuves de l'estranje l'excés qui nous possouns sans les utiliser a commecer par tout l'E'tat de Bois Gross qui le general Caetan de Fane va estraguant (de Farie, non, d'Albuquerque) va estraguant jusque a acaber pour ne valoir chose aucune. Cet project patriotique vise aproveitar enquant le vent soupre pour mouiller la vèle. Depuis quant cheguer le temps des aperts aucun ne quierra les comprer, au pas qui agore tout la gent deseje empreguer en terres le dinheiro qui est vadie dans les burres des banes.

Ce project passant ne se repetiront pas ces scenes odieuses de question entre les E'tats pour motif de dispute de palmes de terres qui fiqueront bien meilleur dans les mains des capitalistes qui les valoriseront.

Pour cet motif nous juntons nos applauses aux autres qui se feront ouvir pour le solution de la dite question et adiantons autres nons moins chaloureux au noble chef republicain Antoine Azerede pour son patriotique futur project.

Je mêmc

LITERATURE, ETC

« Contribution a l'etude du Folk-Lore »

Est cacheurre tout le monde
Dans la mienne opinion,
Qui un die déjà fut dono
Et depus se fit ladron.

A. Azerede

—

Est conseilhe qui je darai
A tout père de famille
Crie les filles dans le travail
Ne les deixant pas danser quadrille.

M. Fulgence

—

Garrafon tient fon bien largue
Botige n'a pas pescoce
Pedace de teille est caque -
Banane n'a pas caroce.

Honorat Alves

—

La du ciel tombip um crave
Que dans la quéde desfeuilla
Qui quière caser avec moi
Va peder qui me cria.

Antoine Martins

—

Mon père chame Jean Caque
Ma mère Caque Marie
Oh mon Dieu caque p'ra burre
P'ra burre la cacarie!

Pires Ferrier

TELEGRAMMES

(Par fils spécial)

Berlim, 20. — La future semaine será caracterisée par la capture de Verdun, Bucarest et Athenes; les submarines anglais furent varres des profondeurs du mer. Nous avons torpedé et mettu à pic 750 navies alliés dans la semaine passée.

Agriculture, industrie, etc.

Pomiculture

La culture des fruits se chame pomiculture. Pourquoi je ne sais pas, mais c'est le costume et comme le costume fait loi nous continuerons, pour ne nous distinguer des autres escripteurs et tant bien pour etre comprehendus par les lecteurs.

La culture des fruits ou pomiculture est très en faveur actuellement en divers E'tats donnant résultats très compensateurs aux cultivateurs, mais principalement aux intermediaires.

Le cultivateur vente une douze de fruits de Conte pour exemple au intermediaire par mille e douzentes; l'intermediaire bote ces fruits dans un prate de papelon, colloque dans la vitrine cet prate et vente au consumiteur pour vingt mille réis tirant un lucre de dizhuit mille et huit cents réis.

Comme se voit la pomiculture est une chose très rendeuse pour les intermediaires.

Les fruits qui donnent plus lucre pour être plus apreciés sont: laranje, banane (les laranjes sont de diverses espèces: selecte, d'ombigue, de la Bahie, de la Chine, mexeriquière, crave, père, etc., etc.; les bananes sont: de la Terre, or, prat, nikel, mon or, prat, St. Thomé, figuière, d'ague, pacova, cayene, anain, etc., etc.; les laranjes servent pour se chouper; les bananes ne se choupent pas: se mastiguent crues ou consues, ou assés, ou frites, au naturel etc.) mangues, abacaxis, fruits de conte, maracoujás, cambucás, jaboticabes, uves, pères, cajous, abacates, cajás, cajá-mangue, abricot, ameixe, etc., etc., une portion, une variété enorme de produits qui se consoment ici et dans les pays qui importent.

Unes fruits sont douces, autres azedes. La plus douce comme dit le grand pomiculteur Jean du Fleuve est l'abacate avec sucre. La plus azede est le limon gallegue.

L'exportation des fruits se fait en navies comme les autres choses. L'Argentine importe notres bananes en quantités prodigieuses, une portion de millions de caixes touts les ans. La maiorie des fruits se consome ici même, havant gent qui est malouque pour cet genre d'alimentation.

Aucuns fruits servent pour faire refresques, autres non. La banane pour exemple ne refresque aucun. Mais la laranje, le tamarind, le limon, le cajà, la mangue, l'abacaxi servent pour les deux choses.

Tantbien servent notres fruits pour faire douce. Du marmelle se fait marmellade; de la goyabe, goyabade; de la banane, bananade; de la laranje, laranjade, etc., etc.

Enfin, comme se voit c'est une culture compensadeure et qui ne tient qui faire peut parfaitement se consagrer a cet rame de la lavoure qui peut donner grands lucres au pays et aux intermediaires.

X. Boye

Olavo Bilac e a sua obra

Olavo Bilac, o incomparavel patriota a quem, ao brilho rumoroso de festas magnificas, a gente de resoluto patriotismo da heroica terra sul-rio-grandense, com o seu vibrante enthusiasmo, presta as nobres homenagens do seu carinho, ainda não chegou ao fim da sacra missão apostolar que se impoz, e já, convencidos pela sinceridade desse verbo eloquente e desinteressado, os jovens brasileiros, concorrendo para firmar a unidade da patria, começam a realisar o ideal redemptor consubstanciado na nação em armas.

O grande poeta nacional, chamando ás armas a mocidade, prestou á nação um serviço de alcance incalculavel, pois tornando-a forte para repellir injustiças e garantir direitos, affastou dos nossos horizontes os perigos que ameaçam a toda a fraqueza.

Graças á esclarecida acção de Olavo Bilac, o exercito deixou de ser uma casta, a farda rebrilha com seu prestigio de symbolo e o soldado sobe de pária á livre cidadão consciente de que não ha direitos sem deveres.

TELEGRAPHO SEM FIO

(SERVIÇO DE ULTIMA HORA)

HERODOTO (*Minas de S. Paulo*). — Perguntaes que repercussão teria na vida portugueza um encontro armado em que perecessem os negociantes Joaquim Freire e João Lage. Parece-nos que essa repercussão seria verdadeiramente nacional e não sahiria dos circulos em que se restringem as familias dos dois tremendos adversarios.

AULIADOPHILO (*Gavea*). — Não é exacto que os allemães tenham despovoado a Servia. Graças aos allemães, nesse pequeno paiz estão milhares de allemães, milhares de austriacos, milhares de turcos, milhares de bulgaros, milhares de rumenos, milhares de russos e italianos, milhares de francezes e inglezes, milhares de servios, constituindo alguns milhões de homens que se occupam em fazer historia.

LUCAS (*Bello Horizonte*). — Engana-se. Belgrado era a capital da Servia, no tempo em que a Servia era um reino. Hoje, a Servia é o que será a Rumania e Belgrado é uma ruina que os austro-allemães recompõem.

REI PEDRO (*Exilio*). — Nas vossas justas lamentações, quando recordardes que a França deixou o inimigo conquistar a Servia, lembrai-vos de que se a Servia não tivesse brigado com a Austria, a França não teria sido invadida.

PRINCIPE ALEXANDRE (*Muros de Monastir*). — O communicado official dos exercitos alliados do Oriente diz que os bravos servios não fazem prisioneiros e que os bulgaros que depõem as armas são obrigados a acceitar combate. Parabens. E' assim que se conduzem os defensores da civilisação.

REI DA BULGARIA (*Sofia*). — Os allemães da America do Sul festejaram com enthusiasmo a noticia de que o vosso exercito venceu uma grande batalha na qual ganhou um recúo de 140 kilometros, que foram occupados pelos servios.

ARCHIVISTA (*Instituto Historico*) — E' desnecessario abrir a subscripção para comprar uma farda academica para o sr. Osorio Duque Estrada. A Academia consentio que o sr. Osorio seja recebido de roupa suja.

EMILIO DE MENEZES (*Academia de Letras*). — Não podemos informar si o almirante Indio do Brasil já tinha olho de vidro quando reverteu ao serviço activo da armada.

LUIZ GUIMARÃES, FILHO (*Itamaraty*). — Na lista dos assignantes do telephone encontrareis o endereço das pessoas que pretendeis empregar no serviço de cabala em favor da vossa candidatura á Academia de Letras.

A chegada do Ministro do Exterior

O Dr. Lauro Muller, de regresso dos E. Unidos, no cáes Mauá, cercado pelo mundo official.

O sr. Wenceslau Braz, presidente da Republica, tendo á direita o sr. Affonso Camargo, presidente do Paraná, e á esquerda o governador de Santa Catharina sr. Filippe Schmidt

Os governadores do Paraná e Santa Catharina

A manifestação unanime da imprensa, as noticias vindas das mais distantes regiões do paiz, a carinhosa soffreguidão com que as altas classes adheriram ás festas tributadas aos illustres chefes dos Estados litigantes, as sympathias com que os acompanham os representantes das classes proletarias, devem ter convencido aos governadores de Santa-Catharina e do Paraná, de que a nação brasileira, na ancia de estreitar os élos e reforçar os anneis das cadeias de amôr que a constituem, exijem a difinitiva resolução desse deploravel caso de limites.

Com um bom senso verdadeiramente superior, o povo do Rio de Janeiro, povo constituido por filhos de todos os recantos do Brasil, tem feito sobre os dois chefes de Estado uma commovedora pressão de carinho e se algum delles resistir a essa affectuosa violencia dictada pelo patriotismo, perderá no conceito dos seus concidadãos a bôa fama que as camarilhas de politiqueiros não fazem, nem restauram.

A festa do Passeio Publico

«Garden-party» offerecido pelo dr. Azevedo Sodré, prefeito do Districto, aos srs. Felippe Schmidt e Affonso de Camargo.

A megéra e o diabo...

No grupo juvenil que se formou sob o toldo vitreo da estação Jardim Botanico, o meu amigo não era o mais moço nem o menos jovial, mas havia tambem na roda uma senhora tagarela que a todos os presentes vencia em annos — tão tagarela que tendo já enchido cerca de cincoenta serões com a sua voz, julgava-se ainda em pleno balbucio sentimental da juventude !...

O meu amigo, que anda sempre com a lingua em disponibilidade, estava já impaciente com a tagarelice da senhora e mal ella fez uma pausa para cuspir, elle tomou a palavra procurando divertir o grupo com uma pilheria mundana.

Mas a senhora acudiu logo e, julgando desorienta-lo, exclamou cheia de compaixão, dirigindo-se a elle :

— Quando o encontro divulgando entre gente moça as suas *blagues* mundanas, tenho a impressão de vêr um bom avôsinho relatando aos netos as estroinices da mocidade.

O meu amigo não se perturbou, tomou um ar compungido e explicou-lhe em voz tremula :

— Pudéra !... Estou tão velho... Apenas recordo perfeitamente que tenho agora a mesma idade que a senhora desfructava quando me punha em seus joelhos para contar-me as lindas historietas da Carochinha.

A senhora tagarela emmudeceu e garantindo aos presentes que já devia estar em casa, subiu no primeiro bonde que passou.

Bati então no hombro do meu amigo satisfeito com a sua sahida :

— Você é o diabo !

Elle riu-se e fechou o incidente :

— A's vezes é preciso... para espantar uma megéra sómente o diabo !...

O caso de Matto-Grosso

Não costumamos publicar as manifestações com que a gentileza dos nossos leitores, com uma assiduidade que muito nos penhora, applaude a nossa conducta, reconhecendo a nossa rectidão.

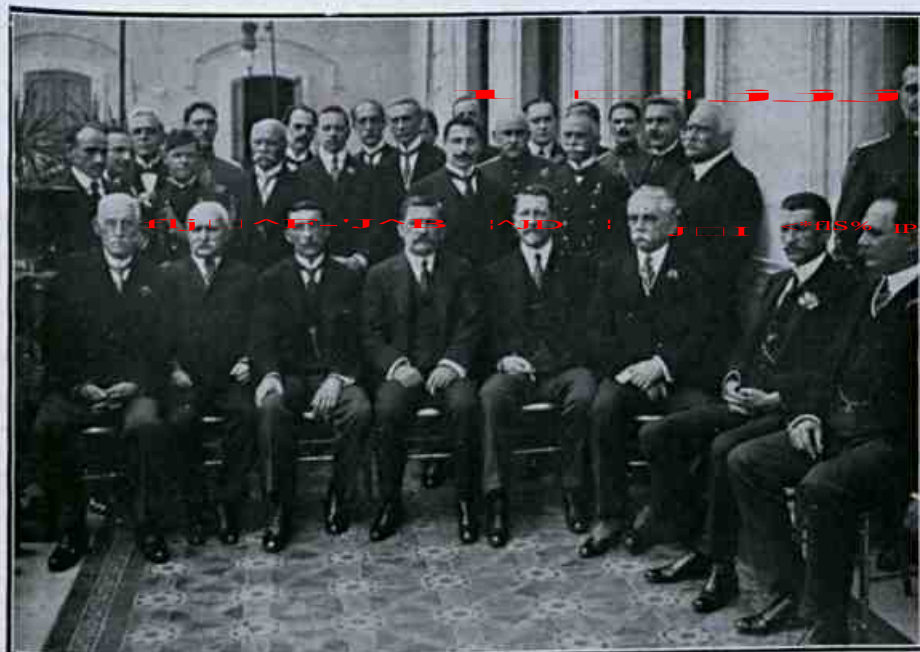
Tratando-se, porém, de um tenebroso caso ainda não resolvido, como o de Matto-Grosso, não devemos conservar em segredo nobres palavras de illustres matto-grossenses, que conhecem e amam a sua terra.

O nosso companheiro Leal de Souza recebeu o seguinte telegramma :

«Como matto-grossenses felicitamos calorosamente brilhante homem de lettras pela sua patriotica attitude pugnando na apreciada *Careta* pela justiça e pelo direito dos nossos patricios. — *Dr. Luiz Adolpho, Dr. Antonio Corrêa, Severiano Marques, Dr. Jonas Corrêa, Carlos Borralho, Tancredo Albuquerque.*

Club Naval

Grupo de elegantes senhoras e gentis senhoritas que tomaram parte na festa em homenagem ao governador e ao presidente de Santa Catharina e Paraná

Paraná — Santa-Catharina

O sr. presidente da Republica e demais pessoas que tomaram parte no almoço, tendo de um lado o sr. Affonso Camargo e do outro o sr. Felippe Schmidt.

Após a tempestade conjugal

A quarentona e horrenda d. Veronica, ainda muito exaltada da disputa, diz ao marido :

— E ainda te atreves a me olhar cara a cara?

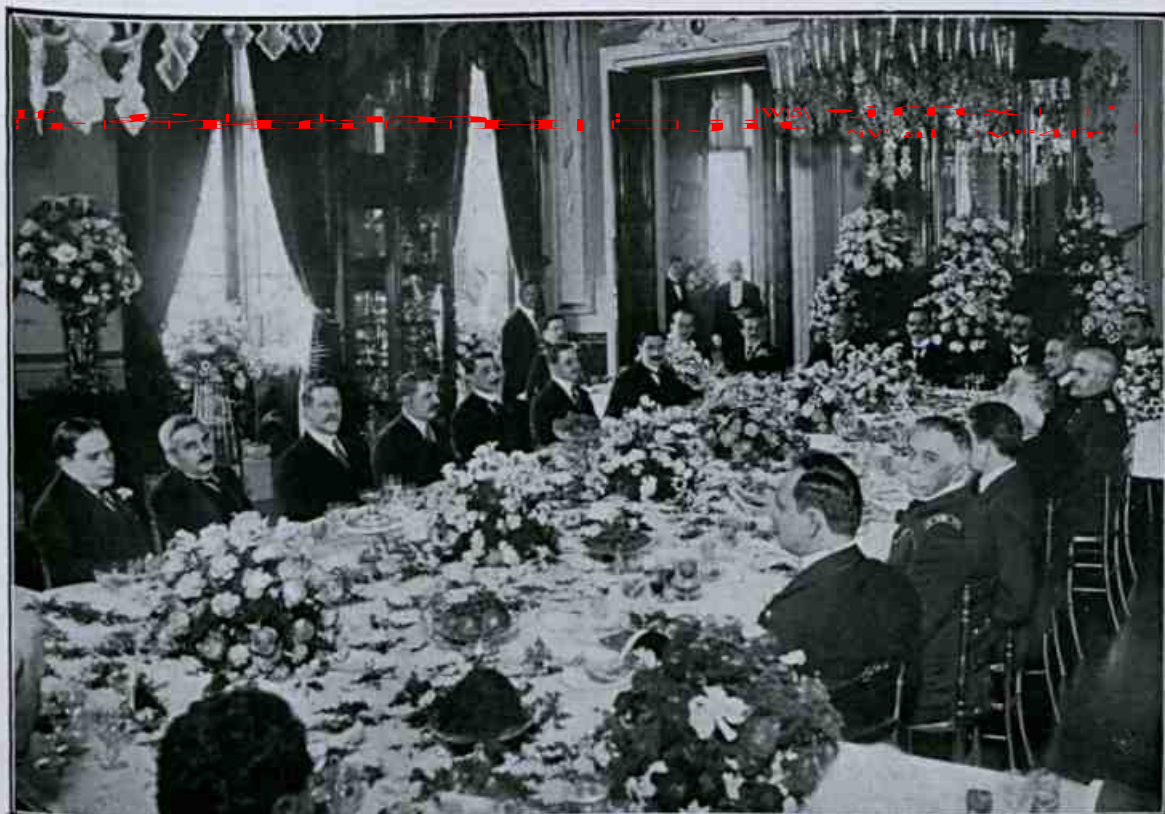
— Que hei de fazer? A gente, afinal, se acostuma a tudo !

Si tiveres voz doce e mão acariciadora, com um fio de retroz conduzirás um elephante.

El Saadi

Entre creadas

— Então, Luiza, como acha o seu novo patrão ?

— Oh ! um homem muito direito ! Já me pediu, uma vez, dinheiro emprestado.

Almoço offerecido pelo sr. presidente da Republica ao governador de Santa Catharina e ao presidente do Paraná.

BOA RECEITA

Os medicos, quando recebem o grão, na cerimonia solemne da collação, promettem e juram exercer a profissão em beneficio da humanidade, e segundo os preconceitos da caridade christã.

E muitos a exercem nobremente. Honra lhes seja.

Se elles apressam algumas vezes os dias dos seus clientes não é de proposito, mas por engano.

Demais, que mal ha em remetter para a cidade dos pés juntos, com antecedencia de um, dous ou mesmo dez annos, o individuo que afinal ha de ir lá parar ?

Os medicos são na maoria humanitarios e filantropicos.

No entanto elles têm, como nós outros, necessidade de pagar ao vendeiro, ao açougueiro, ao padeiro, a casa em que moram, a roupa que vestem e as mais despezas que amofinam o fim do mez dos mortaes.

Os clientes têm uma tendencia generalisada a supporem que os serviços medicos devem ser gratuitos. E para os não pagarem empregam os maiores artificios.

Deste numero é o Gomes, proprietario, agiota, de cujas unhas não sáe um nickel que não seja a juros.

O Gomes mora proximo de um medico de muita clinica, que lhe passa todos os dias pela porta, ao sair em visita á sua clientela.

O Gomes foi atacado de uma bronchite, e depois de ter tomado em vão, chás e suadouros, resolveu ouvir um medico. Mas para fazer uma consulta formal era necessario pagar. E ahi é que pegava o carro.

Que fez elle ? Usou de um artificio. Na hora habitual da saida do medico, postou-se á porta, e á passagem do doutor, cercou-o.

— Bom dia, *seu* doutor.

— Bom dia.

— O tempo felizmente levantou, hein ?

— E' verdade. Está um bonito dia.

— Graças a Deus que acabou aquella humidade, que só serve para endefluxar a gente.

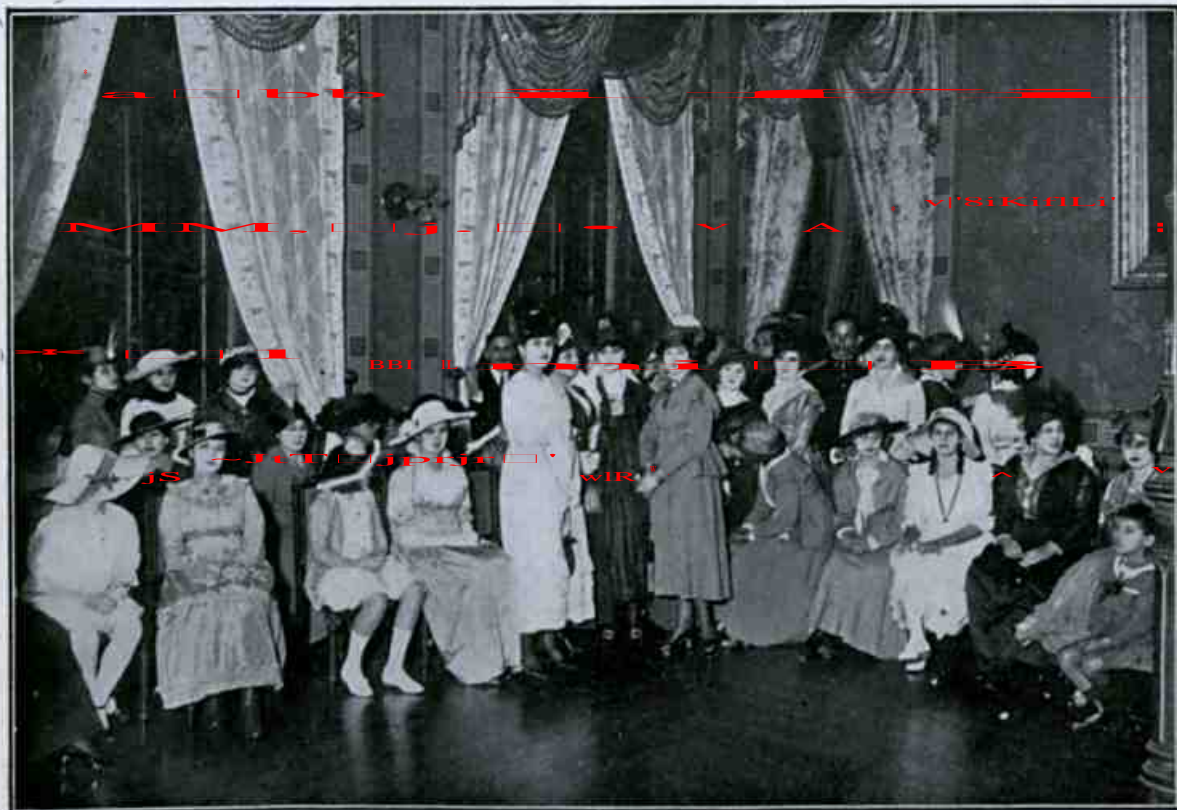
— E' verdade ; observou o medico.

Suppondo chegado o momento propicio o Gomes atacou o assummpto :

— Para mim este máo tempo não passou de liso, porque apanhei uma bronchite. E, a proposito, *seu* doutor, que devo eu fazer para me vêr livre della ?

— Consultar um medico ; respondeu o doutor. E seguiu seu caminho.

BASTOS

Club Militar

O chá offerecido ao governador de Santa Catharina, Felippe Schmidt e ao presidente do Paraná, Affonso Camargo

INSTANTANEOS

Concurso de problemas

Até o momento em que escrevemos, sexta-feira, 20, recebemos cento e sessenta e sete soluções ou suppostas soluções dos problemas da *Careta*. O prazo final para a solução foi fixado a 19, mas como verificamos haver muitos concurrentes do interior de S. Paulo e de Minas, resolvemos apurar as respostas que tenham sido entregues ao correio até esse dia, e que ainda não nos chegaram.

A concurrencia foi, é preciso dizel-o, inferior á expectativa de Cacus. Haverá só 167 leitores de *Careta* capazes de resolver, ou de procurar resolver problemas tão faceis como os dez apresentados? Não. Ha certamente mais, o dobro, o triplo, o decuplo. E como a preguiça é um vicio muito desairoso para se attribuir aos leitores, diga-se que foi por falta de coragem que a maioria não experimentou concorrer.

Entretanto nossos problemas são faceis. São perguntas de algibeira, proprias para uma diversão de familia, depois do jantar, e constituindo um bom passa-tempo.

Vamos proceder á classificação dos concurrentes ao julgamento, que será publicado no proximo numero.

CACUS

Os glóbos de côr ou com liquidos corados, que se usam nos mostradores ou sobre os balcões das pharmacias, em quasi toda a parte do mundo, foram primitivamente usados pelos mouros, nas lojas onde vendiam drogas medicinaes.

A GUERRA NA FRANÇA

Mr. Poincaré, assistindo ao regresso de um esquadrão de aeroplanos

Munições tomadas aos allemães

Mr. Asquith, inspeccionando a fabrica das munições

* * * O sr. Opposicionista Defreitas, ex-deputado paranaense, sendo um producto hybrido por ter nascido em Santa Catharina e ser politico no Paraná, é, natural e incoherentemente, um feroz inimigo do accordo mediante o qual os dois Estados apasiguarão as suas velhas rixas.

Notavel na escala zoologica por esse hybridismo, apezar delle, ou ainda por causa delle, o sr. Defreitas é, entre os bichos, o mais feio dos homens e, entre os homens, o mais desmiolado dos bichos.

O primeiro rei que usou o titulo de «Sua Magestade» foi Luiz XI, da França. Antes d'elle os soberanos recebiam o titulo de «Sua Alteza».

O Juramento dos voluntarios

No dia 15 do corrente, no esplendido campo a que se deu o glorioso nome do brilhante general que integrou o Brazil no systema politico da America, os jovens voluntarios de manobras, deante do Presidente da Republica e na presença da alta representação das mais elevadas classes, prestaram solemne juramento á bandeira.

A bôa semente lançada na tradicional Escola de Direito da Paulicéa, entre os commovidos applausos dos cultores do Direito, pelo esclarecido patriotismo militante de Olavo Bilac, germinou e começa a pompear, desabotoando em bellos fructos bemditos.

A cerimonia foi rutilante e commovente. Nas archibancadas, ao sagrado som do hymno nacional, senhoras da alta sociedade, vertendo lagrimas, batiam palmas saudando os filhos que, sob o esvoaçar auri-verde da bandeira que levou a liberdade juridica aos povos do Prata, juravam consagrar a vida á grandeza desta querida Patria destinada a ser o berço de uma nova civilisação, herdeira e continuadora da latina.

Honra aos bravos soldados que dão ao Brazil, com a consciencia da sua unidade, a certeza da sua força.

O JURAMENTO DA BANDEIRA

O sr. Presidente da Republica, ministros e diplomatas assistindo a cerimonia

A VISINHA

Uma tarde, estando á minha
Janella, triste, a scismar,
— Levanto, cansado, o olhar
E vejo, em frente, a visinha.

Trefega e linda, a visinha
Captiva-me desde então;
Domina meu coração,
Meus passos desencaminha.

Sáio bem cedo e á tardinha
Regresso tonto e a correr,
Ancioso, esperando vêr,
Antes da noite, a visinha.

Desprezára uma rainha,
Mais rico que o sol estou
E mais do que um rei, pois sou
Dono do amôr da visinha.

Mas hoje, assomando á minha
Janella, vi com pezar,
Que somos dois a occupar
O coração da visinha.

VOL-TAIRE

A Tragedia do Alphabeto

Em um trabalho francez sobre dramas futuristas, lemos ha tempos esta interessante e primorosa *Tragedia do Alphabeto*, cujo auctor não nos acode á memoria:

Abbé Pequ (a, b, p, q)
O principe *Enô* (n, o) amante de
Achika (h, i, k)
O carrasco *Uvé* (u, v).

Ao levantar o panno, o *Abbe Péqu* está ajoelhado aos pés de *Achika*. Entra *Enô* que o surprehende nessa attitude compromettedora.

Enô: a, b, c, d! (*Abbé cédez!*)
Péqu: com desprezo: e, f! (*Est fait!*)
Enô: j, h, i, k, l, m, n, o! (*J'ai Achika; elle aime Enô!*)

(O abbade não se mexe)

Enô: p, q, r, s, t! (*Péqu est resté!*)
(*Enô* corre furioso para a porta e brada): u, v! (*Uvé!*)

(Apparece o carrasco)

Enô, apontando para *Péqu* e fazendo um gesto significativo: Z! (zzz!)

(Cahe o panno).

Folha solta...

Não creiam que eu tenha a intenção de escrever um folhetim ao sabor contemporaneo. Um romance então? Longe de mim tão pueris cousas! Mas o assumpto se presta a isso e, para não perdel-o, aproveito o momento de bom humor em que me acho e prendo-o á folha que o levará ao vento. Qual será esse interessante assumpto?

Trata-se de uma elegante dama, um desses typos bizarros de mulher que atravessam os annos como as estatuas... sem criar rugas e jamais ter um só cabello branco. Vive entre a melhor gente do escól, namora regularmente e nunca recusa o pedido de um tango... mas, em summa, é o que o vulgo chama «uma solteirona».

Na ultima reunião em que ella se achou, vagava entre os convidados um chronista em fóco, que foge dos confrades, não sabe dançar e diz mal das musas.

A elegante dama, julgando que a exquisitice do chronista bem poderia leval-o a amal-a, pediu para ser apresentada a elle.

Lado a lado, o chronista poz-se a falar em cousas funambulescas. A dama escutava-o, dando fundos suspiros que se iam multiplicando emquanto a palestra augmentava de intensidade.

Mal o chronista parou um instante de falar para tomar folego, ella amorteceu o olhar e apertando o braço delle de encontro ao seio, perguntou-lhe com languida voz:

— E de amor o senhor não fala?

O chronista empertigou-se e replicou-lhe com desenvoltura:

— Cupido é sempre uma creança e como tal nunca deixa de dar-nos trabalho.

A dama estacou, exclamando com espalhafacto:

— Oh! o senhor é um coveiro do amor.

O chronista conservou-se firme e disse com ar jovial:

— E' verdade! Mas o coveiro nunca entra em funcção antes da morte fornecer-lhe a victima.

A dama, esperando que a declaração viesse, insistiu:

— Quem será a victima?

O chronista em vão tentou dominar um sorriso mordaz, mas ainda conseguiu responder com calma:

— Sendo eu o coveiro, a victima seria o proprio coveiro.

— E a morte?

O chronista então explodiu, não terminando a phrase:

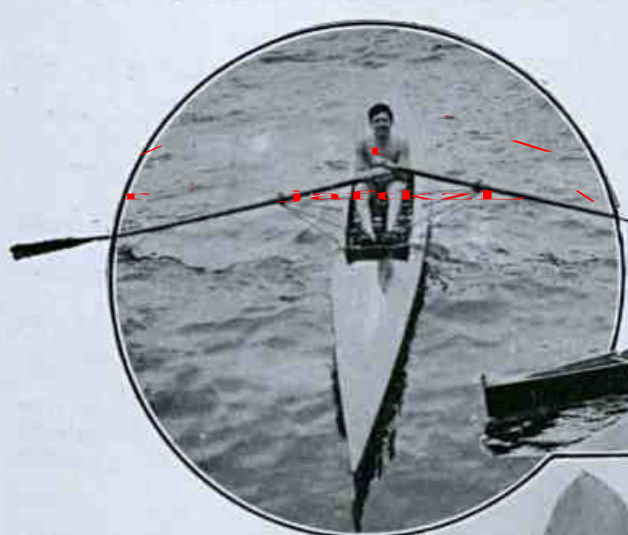
— Naturalmente...

A dama comprehendeu então toda a sua maldade e, antes de dar-lhe as costas, rugiu ao seu ouvido:

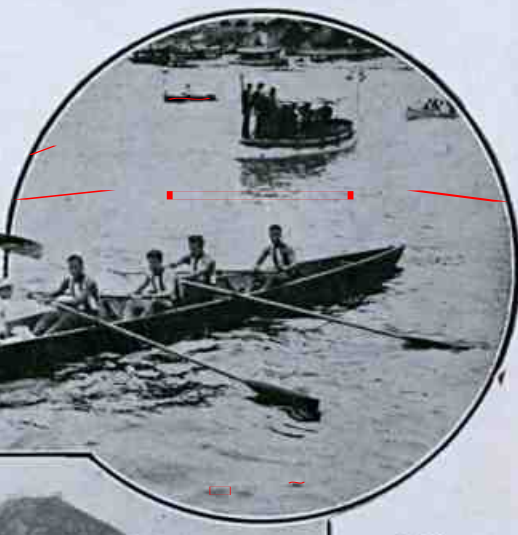
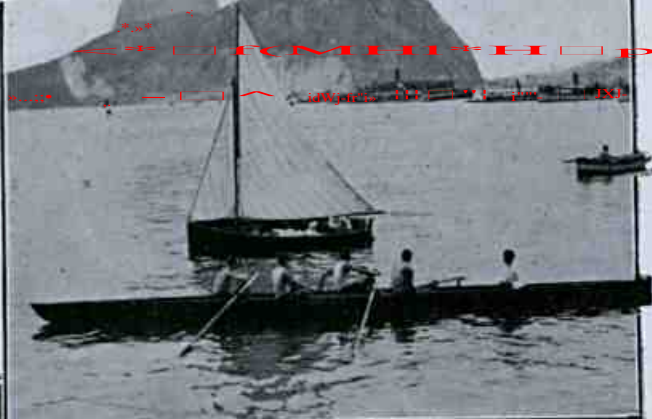
— Eu; não é?

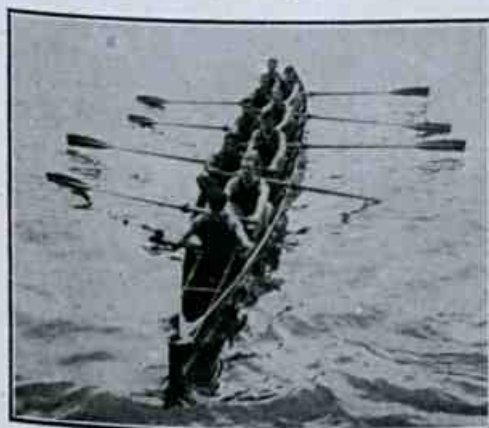
E emquanto o lettrado ia fumar um cigarro com os amigos, a dama foi encontrar-se com as suas contemporaneas de mocidade, que fiscalisavam as filhas e netas no salão, para dizer-lhes que o tal chronista era um malcreado.

Club dos Diarios

Matinée Infantil

Léo, vencedor do Campeonato

Bellita
P. Classica

As regatas não são como os jogos de azar: — n'ellas triumpha quem se preparou para vencer... e foi ajudado pela sorte...

Greenhalgh, vencedor do Campeonato Brasil

No *foot-ball* a victoria é dos pés, na regata o triumpho é das mãos, porém no *foot-ball* como na regata, em mar como em terra, para que os pés triumphem e as mãos vençam, é preciso que as dirija a cabeça.

Tamoio, vencedor do 8° pareo

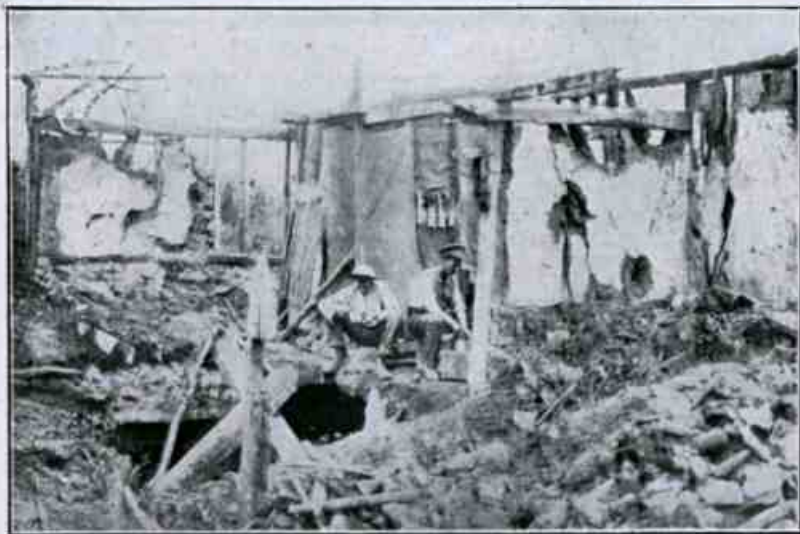
Flotilha de Submersiveis, vencedor do pareo A. Alencar

TELEGRAMMAS

(Serviço especial de *Careta*)

Berlim, 15 (*Agencia Wolff*). — O Santo Papa, á frente dos frades militarisados, acaba de declarar á Italia desarmada, proclamou-se rei de Roma e vae decretar a derrota das tropas commandadas pelo general Cadorna.

Lisboa, 17 (*Correio da Manhã*). — Os monarchichos vão publicar um manifesto provando que a Republica não é Portugal e os republicanos responderão com um folheto em que se provará que só os monarchistas é que são partidarios do Rei.

Lisboa, 17. — Ainda não appareceu nenhum Zeppellin sobre esta cidade. O facto tem sido interpretado como um desaforo á memoria de Bartholomeu de Gusmão, pois foi nesta cidade em que pela primeira vez um homem — esse mesmo Bartholomeu, subio aos ares um balão.

Lisboa, 17. — O Presidente da Republica, de accordo com o Rei Dom Manoel, vae amnistiar o capitão Paiva Couceiro.

Lisboa, 17. — Os allemães aprisionados nos combates da Africa vão ser mandados de presente ao kaiser. Para fazer entrega desses mimos, foi nomeada uma commissão de cem mil homens, que está reunida em Tancos.

Lisboa, 17. — Não é exacto que o general Gil, commandante das tropas que operam na Africa, seja descendente em linha recta de Frei São Gil e segundo affirmam os adversarios batidos por elle, o cabo de guerra portuguez está sob a protecção de Deus, mas tem o Diabo no corpo.

A guerra subterranea

Aspecto das ruinas onde se veem as entradas para os subterraneos que attingem a 30 pés de profundidade.

Roma, 15 (*Agencia Havas*). — Sua Santidade o Papa adoeceu de uma indigestão de lagostas no momento em que orava em favor da Paz.

Roma, 15 (*Agencia Americana*). — Sua Magestade o Rei Victor foi ferido no tacão da bota por um espinho quando se dirigia para a linha de frente.

Roma, 15 (*Jornal do Commercio*). — O general Cadorna, entrevistado na linha de batalha, declarou que a sorte da guerra depende da apprehensão dos navios germanicos ancorados nos portos brasileiros.

Roma, 15 (*Jornal do Brasil*). — Para não expor inutilmente a vida e poder descrever com todas as minuncias a batalha do Carso, o representante da imprensa veio acompanhar as operações, desta cidade.

Roma, 15 (*O Paiz*). — Realisam-se imponentes manifestações patrioticas em todo o reino.

Cettinhe, 16 (*Careta*). — Os alliados têm batido os adversarios em todos os campos, mas os austriacos ainda não sahiram desta capital.

Amenidades conjugaes

Ella : — Os dois homens com quem recusei casar, por te preferir, estão hoje mais ricos que tu !

Elle : — Não admira. E' por isso mesmo que o estão !

Mais um bello estabelecimento que surge

Convidados e representantes da imprensa que assistiram a inauguração da «Casa Cintra», inaugurada no dia 17 do corrente no antigo predio da «Castellões» á Avenida Rio Branco n. 108. No centro estão os seus proprietarios Snrs. Bernardino Nova, José Lopes Quintella e Alberto Castro Gomes, socios componentes da conceituada firma B. Nova & C.

Aspecto geral do interior da «Casa Cintra». Este bello estabelecimento está montado com um bellissimo e variado sortimento de bebidas finas, fructas, conservas, doces, queijos, sorvetes, frios e refrescos de todas as qualidades. Os seus proprietarios offereceram aos presentes uma taça de champagne, havendo diversos brindes. Foi tambem distribuido deliciosos charutos da conhecida fabrica M. Senint & C. pelo seu representante Snr. João Mendes Pires.

TALISMAN PODEROSO

Para transpôr difficuldades, ganhar muito dinheiro, ser amado, gosar saude e bem-estar, e vencer vossos inimigos, adquira immediatamente um CASAL das poderosissimas PEDRAS DE CEVAR. As legitimas e verdadeiras são recebidas da India, pelo **Professor Aristoteles Italia — Caixa Postal N. 604 — Rua Senhor dos Passos N. 98, sobrado — Rio de Janeiro.** Envie $300 em sellos novos do Correio, para receber curiosas e interessantes informações detalhadas, GRATIS, em carta fechada.

Envia-se para todos e para toda a parte

Saúde, Vivacidade, Bôas Côres,

formam o attractivo que encerra a felicidade da mulher. Conseguem-se com a legitima

Emulsão de Scott

(Fortalece sem alcoolizar o organismo)

200

JUVENTUDE ALEXANDRE

ETERNA MOCIDADE DOS CABELLOS !

A JUVENTUDE desenvolve o crescimento do cabello dando-lhe vigor e belleza.

Os cabellos brancos ficam pretos com o uso da JUVENTUDE ALEXANDRE

REMEDIO EFFICAZ CONTRA A CASPA

Preço do frasco. . . . . 3$000

Nas boas Perfumarias, Pharmacias e Drogarias

Novo colchão em tres peças

A commodidade e a durabilidade são os especiaes caracteristicos de um novo typo de colchão, feito em tres peças.

Cada peça separada é como um pequeno colchão, facilitando assim a remoção e a limpeza, como mostra a gravura acima.

e com 50 trabalhadores, tres linhas de trincheiras inexpugnaveis, onde uma força de 500 homens, com exito seguro, poderia disputar a passagem a uma força seis vezes maior.

Esta fortificação não poude ser construida, porque no dia seguinte houve em Santa Luzia de Sabará o sangrento combate que poz termo á revolução na provincia, cahindo prisioneiros do barão de Caxias, commandante das forças legaes, varios chefes rebeldes, inclusive o engenheiro Wisner von Morgenstern, sob cuja direcção fôra fortificada aquella cidade.

Depois de amnistiado, esse estrategista allemão passou a servir no Paraguay, contractado pelo dictador Solano Lopez. E, vinte e seis annos mais tarde, em 1868, foi pela segunda vez prisioneiro de Caxias, no combate de Lomas Valentinas.

C. B.

EM DIAS DE MODA

INSTANTANEOS

NUGAS E BISCATES

E' de toda a opportunidade relembrar actualmente o caso pouco conhecido de um illustre estrategista allemão que figurou duas vezes, em posição de destaque, na historia do Brasil.

Como se sabe, em junho de 1842, rompeu em Barbacena a Revolução Mineira, á qual adheriu quasi toda a provincia, movimento chefiado pelos illustres chefes do partido liberal: Theophilo Ottoni, Dias de Carvalho, conego Marinho, Pinto Coelho, dr. Camillo Ferreira Armonde (depois conde de Prados) e outros.

Em 19 de agosto de 1842, F. Wisner von Morgenstern, operoso engenheiro allemão ao serviço do presidente eleito pelos rebeldes, tenente-coronel José Feliciano Pinto Coelho da Cunha (posteriormente barão de Cocaes) officiou ao referido chefe, communicando-lhe que, no logar Alcobaço, entre Sabará e Santa Luzia, podiam-se construir, em dois dias

Curioso automovel impellido por... um cavallo de páo

Durante uma recente exposição de automoveis no Massachussets, appareceu um que causou sensação.

Na parte posterior do carro estava adaptado um cavallo de páo, do tamanho natural. Montado nelle o motorista dirigia o auto, por meio de uma manivella collocada na garupa do cavallo.

Evitae as imitações de rotulagem de productos similares estrangeiros que se apresentam com fita azul e papel prateado afim de illudir o publico e vender caro.
Verdadeiras donas de casa: Exigi o POLO de fita ENCARNADA
P
VENDE-SE
O
EM
L
TODA
O
A PARTE
O POLO não é um artigo de luxo, mas sim um artigo essencialmente de cosinha e de asseio geral.
E' um artigo de primeira necessidade.
Deverá, pois, ser o producto mais barato, mais economico e MAIS POPULAR.
O POLO de fita encarnada é, certamente EGUAL ou SUPERIOR a qualquer similar estrangeiro
Companhia Usina de Productos Chimicos — Rua Soares 13, S. Christovão — Rio de Janeiro

A venda em todas as Pharmacias e Drogarias e em Paris, 20 & 22, rue des Orteaux.

Projectos de economia

O marido : — Precisamos economisar, minha querida. Porque não experimentas fazer tu mesmo o o teu vestido ?

Ella : — Isso é completamente impossivel, meu querido ! Mas, si queres, eu experimento fazer o teu terno.

O ECONOMISAR

é a principal funcção d'uma boa dona de casa. O unico dever do Sabão Sunlight é de as ajudar a economisarem. O

Sunlight Sabão

poupa dinheiro e conserva a roupa, fazendo-a durar mais tempo. A roupa custa dinheiro, e quanto mais ella durar, mais economias se fazem.

O SABÃO SUNLIGHT É DE GARANTIDA PUREZA.

CABELLEIREIRO

FAZ-SE QUALQUER POSTIÇO DE ARTE, COM CABELLOS CAIDOS

Penteado no salão .... 3$000
(Manicuro) Tratamento das unhas 3$000
Massagens vibratorias, applicação 2$000
Tintura em cabeça .... 20$000
Lavagem de cabeça a .... 2$000

PERFUMARIAS FINAS PELOS MELHORES PREÇOS

Salão exclusivamente para senhoras. Casa A NOIVA, 36 Rua Rodrigo Silva 36, antiga Ourives, entre Assembléa e Sete de Setembro. Telephone 1027, Central.

BALLADA

Para um canalha

Nesse torneio de galanteria
Quem vencerá? Sou eu? És tu, talvez?
A verve, o paradoxo, a ironia,
São minha espada, o feltro e o meu arnez.
Pela mão delicada que me acena,
Pelo olhar de volupia e de altivez,
Por minha Fé, quero rolar na arena...
Senhora! batei palmas! Um! dois! tres!

Mas qual! O labio mudo, a bócca fria,
Nem uma phraze aproveitavel... Vês?
Era um requinte de pedanteria
Tua linda arrogancia de... burguez.
Meu lôbo feito cordeirinho manso!
Queres lutar pela segunda vez?
Vamos! Apara os golpes que te lanço...
Senhora minha! as palmas! Um! dois! tres!

Nada! A mesma somnambula apathia
E o mesmo gesto de alta estupidez.
Assim, meu caro, perdes a alegria
E vaes ficando parvo de uma vez.
A mim, o que me abraza a fantasia
E' o Amôr, o Amôr-broquel, o Amôr-arnez.
Por minha Dama — a minha valentia,
Meus sonhos todos, todos... Um! dois! tres!

Offerenda

Na vossa mão de alta aristocracia,
Mão de petala, em sua pallidez,
Deixai meu beijo de galanteria...
Um? Perdoai-me, por Deus, tanta ouzadia...
Senhora! Bato palmas! Um! dois! tres!

OLEGARIO MARIANNO

A VIDA ELEGANTE

Na sua brilhante monotonia, a vida elegante carioca tem repetido com encantadora regularidade a limitada série das apreciadas cousas que a tornam agradavel no seu corriqueiro enfado de paysagem muito vista.

Nos mesmos clubs, assentadas nas mesmas archibancadas, sentindo emoções já sentidas, as mesmas damas, com um enthusiasmo anteriormente experimentado, repetem os applausos com que de novo consagram, na victoriosa repetição das mesmas façanhas, os mesmos jogadores de *foot-ball*.

Assim nas corridas, assim nas regatas, assim em tudo...

No *footing*, á mesma hora, no mesmo dia, os mesmos cavalheiros acompanham o captivante deslisar das mesmas airosas damas e os mesmos automoveis, guiados pela conhecida selvageria dos mesmos cannibaes, atiram poeira sobre a ousada gente que ainda não conseguiram estropear.

Os excessivos calores que se alternam com excessos de frio, começam a accordar no rotineiro espirito da elegancia carioca o velho habito de veranear em Petropolis e não são poucas as pessoas que sóbem a famosa serra nos incommodos trens da Leopoldina á procura de uma casa em que passem á noite e da qual fujam, fugindo de Petropolis, á luz da manhã.

Antes de subir definitivamente, por tres mezes, para Petropolis, a fulgurante elegancia carioca ainda alegrará a callida capital presidida pela graça mineira do dr. Wenceslão Braz e diariamente caricaturada com claudicante inhabilidade pela pachorra mestiça de João do Rio, o novo Figueiredo Pimentel.

Nem nos processos dos seus chronistas a nossa agradavel elegancia conseguia attingir á originalidade e por isso vemos ressuscitar n'*O Paiz*, com menos estylo e mais audacia, a morbida mania do extincto creador d'*O Binoculo*.

DIALOGO

Na Camara dos Deputados. Na bancada da imprensa, emquanto, com eloquencia, dirigindo-se ao recinto deserto, um orador braceja.

UM DEPUTADO. — Se a imprensa quizesse esquecer possiveis resentimentos para fazer obra de patriotismo, devia prestigiar o Barbosa Lima.

UM JORNALISTA. — E porque não ao Nicanor do Nascimento ou ao Irineu Machado?

O DEPUTADO. — Ao Irineu já prestigiou.

O JORNALISTA. — Já commetteu esse crime.

O DEPUTADO. — O Barbosa não é o Nicanor. E' um homem de energia, dessa energia que se traduz em actos que encontram imitadores resolutos.

O JORNALISTA. — Sim, na tribuna, é furibundo quando está zangado.

O DEPUTADO. — Fóra da tribuna é peior.

O JORNALISTA. — Mas em que o imitam os admiradores?

O DEPUTADO. — No gesto heroico do castigo.

O JORNALISTA. — Não percebo.

O DEPUTADO. — Em Pernambuco, sendo Barbosa governador do Estado, reduziu a pilulas um jornal em que o atacavam e fel-as engolir pelo autor do ataque, chamado para esse fim, ao paço governamental.

O JORNALISTA. — Esse acto de tyrannia só póde ser imitado por governadores violentos.

O DEPUTADO. — Engana-se. Pode ser reproduzido por individuos sem posição official. Ainda agora, mesmo em Pernambuco, um simples particular repetio a façanha do antigo governador.

O JORNALISTA. — Não li nada sobre isso.

O DEPUTADO. — O sr. Arnaldo Maia enviou uma carta á *Provincia* reclamando do governo medidas contra um visinho que o prejudicava e deste recebeu, como resposta á missiva publicada, um convite escripto para ir á sua casa. Foi e lá, por que o visinho lhe poz um punhal aos peitos, o sr. Mario engolio a sua carta dividida em dez pequenas pilulas.

O JORNALISTA. — Caramba! Que visinho mais Barbosa Lima!

Ha poucos homens que não digam verdades e mentiras. — CHIRSTINA DA SUECIA.

A grande metamorphose

O RUSSO — O mappa da Europa vai ser todo alterado. Vocês, por exempo, vão para a Asia.

O TURCO — Não é possivel. Os nossos alliados já nos prometteram um sitiosinho na Africa.

A canção de Peer Lobbe

(Herman Teirlinck)

Nascido em 1879, HERMAN TEIRLINCK é o mais eclectico dos escriptores em lingua flamenga. Estreou com um volume de versos *'T Jaar omme*; publicou depois dous romances de costumes ruraes: *De Wonderbare Wereld* (O mundo maravilhoso) e *Het Stille Gesternte* (Constellações mudas). Voltou-se para as questões sociaes publicando *Het Bedrijf van der Kwade* (A obra do demonio). Passando a residir em Bruxellas escreveu *Zon* (O sol) e *Mijnheer lehjantzoon*, *Het Ivorem Aapje* (O macaquinho de marfim), *Het avontuurlijk Leven van Lieven Cordael* (Vida aventurosa de Lurven Cordael) alem de muitos contos e novellas.

O seu trabalho que hoje publicamos cheio de elevação e de lyrismo dará aos leitores uma idéa de um dos mais famosos escriptores da terra flamenga.

* * *

Quem conhece por ahi a canção de Peer Lobbe?

Peer Lobbe estava de pé sobre a elevada collina: a tarde cahia.

A collina era despida de vegetação, amarellado o seu solo revolvido de pouco pelos trabalhos de lavoura. No alto, o corpo projectado contra o ceu violaceo, Peer Lobbe de pé.

Do oriente em que uma derradeira restea de luz brilhava vinham grandes nuvens em marcha.

E o vento chegava, sem rumos mas frigido, um vento de primavera nascido de um soluço do inverno.

As nuvens escalavam a abobada celeste trazendo a noite sobre a terra.

Eram escuras como a noite que engendravam.

Mais escuro ainda era o corpo de Peer Lobbe sobre a colina arredondada, solido e robusto.

No valle extendia-se a floresta.

Roncava.

As arvores agitavam-se, fazendo um grande rumor, tangidas pelo vento que lhes balançava as folhas.

Era uma floresta antiga e magnifica.

Cobria uma das vertentes da collina e extendia-se até muito longe durante horas e horas de caminho.

Do outro lado dormia a aldeia.

Luzesinhas divisavam-se de vez em vez atravez dos tectos.

A luz dos homens é medrosa.

A floresta apresentava um brilho obscuro.

Do seu seio vinham aromas selvaticos.

As arvores eram como chammas negras de vida.

A vida perpetuava-se nellas em apparencias multiformes fazendo sentir ao longe a força misteriosa da floresta.

Peer Lobbe que ali estava sentia em torno delle naquella noite de primavera, o mysterio da noite!

Respirava em haustos profundos e lentos porque queria animar seu proprio corpo e seu rude pensamento com os largos rythmos de que energia a noite.

Confundia-se com todas aquellas cousas harmoniosas e dentro de sua alma indomada a noite cahia tambem como do ceu longinquo.

O peito de Peer Lobbe entumecia-se potentemente.

Sua alta estatura curvava-se como um arco.

Seu nariz e labios tremiam.

Os olhos na sombria arcada dos supercilios eram phosphorescentes...

Ah! A canção de Peer Lobbe como ella incha meu coração e eil-a que desdemhando meu cerebro, vibra como uma ligeira vaga, fluctua como um estandarte de fatalidade planando sobre a minha pobre cabeça.

Pela vertente da collina, Peer Lobbe desce lentamente em direcção á floresta que tão mysteriosamente vibrava e tão potentemente o attrahia.

Não foi muito longe, parando junto a uma faia.

Na faia como em todas as outras arvores a seiva subia. E Peer Lobbe sentia em seus proprios membros a ascenção da seiva viva.

O silencio reinava na floresta, um silencio cheio de zumbidos.

Era como um murmurio indistincto, como um som aprisionado sob uma abobada de crystal, que quer acabar e que continua e deve durar todo o sempre...

A obscuridade velava os troncos mas a agua brilhava sobre as raizes a descoberto.

Uma coruja gargalhava.

Depois lentamente a neve começou a cahir.

Sobre os flancos da collina a neve branca accumulou-se e a collina appareceu avelludada sob o céo violaceo. As arvores enegreceram. O ar tornou-se mais suave, mais tepido.

Por quanto tempo conservou-se Peer Lobbe apoiado de encontro á faia? A neve accumulava-se, espessa já e a noite cahia sobre a floresta como um manto de bronze. A neve parou de cahir, depois recomeçou. Parou assim tres vezes como a medir a duração da noite.

E a collina brilhava suavemente, em parte mergulhada nas trevas. Brilhava com uma tonalidade azulina.

Qualquer cousa, visivel apenas, começava a mexer-se não longe, na floresta. Peer Lobbe levantou o cano de sua espingarda e atirou.

O tiro retumbou, propagou-se pela collina e foi extinguir-se ao longe por entre a cathedral viva dos troncos.

Peer Lobbe encaminhou-se prudentemente para a cousa sobre a qual atirara. Fizera-se completo o silencio.

— Peer Lobbe, não ouviste nenhum rumor? Nenhum ramo amigo denunciou-te a approximação da morte? Não te inclinas, não estiques a mão...

Peer Lobbe levantou-se bruscamente como um animal ferido. Suas pernas tremem. Vira dous homens que sahiam da neve sobre a collina. Recuou olhando-os astutamente.

E elles:

— Faça alto!

Fazer alto? Elle continua a recuar sempre, lentamente; seus calcanhares buscam a terra firme: a terra dura donde pudesse iniciar o impulso da carreira.

— Faça alto!

Peer Lobbe que é que fazes? Em tua casa tua mulher jaz enferma e teu quarto está cheio de angustia. Teus dous filhos dormem, um ao lado do outro sob a leve cortina do berço...

Saltou por cima dos monticulos de neve, os braços extendidos, advinhando ao longe a obscuridade propicia da floresta, onde poderá refugiar-se, salvar-se.

Uma bala zune-lhe aos ouvidos. A floresta tornase um ser monstruoso que o ameaça de todos os lados com guelas que cospem fogo.

Peer Lobbe foge atravez da floresta. Ouve em seu encalço os passos de seus perseguidores que se encarniçam. Seguem-n'o bem proximos. Elle bem comprehende que não poderá continuar a fugir dessa maneira. As pégadas que deixa ao fugir nos carreiros cobertos de neve, trahem-n'o.

Peer Lobbe que fazes tu ?

Em nome de Deus que queres tu fazer ? Pois não se recorda teu coração de tua mulher anciosa á tua espera e dos dous pequenos que ella engendrou?

Elles estão deitados um lado do outro no solio do futuro...

Elle voltou-se rapidamente, aponta e dispara. Um homem estrebucha de encontro as raizes dos carvalhos.

Um grito. Uma praga ...

O silencio depois.

Ha um momento de silencio no qual Deus revela-se á vaidade dos homens.

E' o silencio da alma quando a morte alça a mão.

Foi este silencio que penetrou na alma de Peer Lobbe.

Atiroa-se para a frente como um louco, saltando por cima dos montes agitando os braços. O coração batia-lhe junto dos labios. O sangue subia-lhe a cabeça fazendo-lhe bater as temporas. Os musculos torcem-lhe todos os membros e a floresta, a floresta grita, grunhe, rosna, zune o desespero do seu corpo ameaçado.

Um silencio pavido cahiu na alma de Peer Lobbe.

Uma bala zune-lhe ás orelhas.

E logo após de repente a Morte fere-o nas costas, brandindo a sua foice, penetrando na sua carne que treme...

A canção, a canção de Peer Lobbe eu a profiro a gemer. O coração bate-me sobresaltado.

Ah! Porque não posso entoal-a a plenos pulmões ? Porque não posso entoal-a virilmente, atirando-a ao vento cheia e magnifica !..

Fantasmas agitam-se em torno de mim e o mundo é um tumulo.

Peer Lobbe vacilla. Levanta o cano de sua espingarda e atira-a para longe de si; o tiro parte de uma moita, occultando assim o seu caminho.

Quer correr ainda. Um jacto de sangue sae-lhe da bocca. Ajoelha-se. Escarra a vida que lhe sobe calida, á bocca. Arrasta-se sob as moitas e os punhos enterram-se-lhe na lama. Ergue os olhos e pesquiza em torno.

Uma fadiga enorme cae-lhe sobre a cabeça.

E tudo torna-se pacifico, silencioso.

A floresta poderosa nunca foi tão pacifica. Parece escutar os seus proprios rumores, absorvendo-os. Parece escutar a subida tenaz da Primavera que trepa pelos troncos inchados da seiva.

Uma espera paciente anima a soberba floresta e Peer Lobbe sente entretanto que aquella noite a grande Vida encarniça-se prestes a rebentar.

Arrasta-se. Seu corpo pesa-lhe. Achara elle o logar que procura ? Do seu queixo corre o sangue. E uma dor lancinante contrae-lhe o rosto distendido. Morde os labios, contrahe as maxillas, avança a cabeça angulosa e arrasta-se, arrasta-se mais...

Teimosamente avança até as bordas do buraco esverdeado.... Mette-se por elle a dentro e por um supremo esforço tapa-o com fetos e musgos, raminhos de arbustos e as lianas espinhosas que acha á mão. Depois deixa-se cahir, extende-se sobre o dorso suspirando, os olhos selvaticamente fixos.

Porque terminaria eu a canção, a terrificante canção de Peer Lobbe ? Porque motivo a minha sombria intelligencia exige que eu complete o desespero de meu coração ? A noite que me enche de angustia é sem termo. Ella plana a passos lentos, bate as azas pesadas e segue-me... para onde ? onde ? Oh ! Esse eterno onde ? Ah ! o eterno para onde desta canção impetuosa !...

Peer Lobbe ouve ruidos maravilhosos. Abre os olhos. E eis que a madrugada tudo irisa.

A' bocca do buraco está o enredado dos fetos, musgos, ramos e lianas entrelaçados.

E mais alto — Peer Lobbe percebe-a distinctamente — mais alto a abobada da floresta como a noite sombria.

E mais longe ainda culmina o ceu e delle dimana uma luz terna, suave que tinge o horizonte de delicada purpura, de verde subtil e de crystallino azul. Pequenas nuvens semelhantes a velas brancas singram atravez do espaço claro como naves extranhas.

Peer Lobbe nota que os brotos surgem expessos e cerrados dos troncos. Percebe que um vento fresco e primaveril começa a agital-os. Parece-lhe que elles vão abrir. O rumor de sua eclosão será suave ?

A manhã é de feito rica em rumores suaves. Os passaros estão cheios delle e agitam-se extranhamente.

Duas pêgas sentadas uma em frente á outra parece que conversam de negocios muito sérios. Nos cimos das arvores os corvos fazem crepitar as azas. Grasnam lentamente, a intervallos. Um esquilo salta agilmente de ramo em ramo.

A floresta é como uma sala de festas que se prepara para receber um hospede bello e principesco. O sol illumina-o como um lampadario immenso.

E Peer Lobbe vê tudo isso.

Vê o dia adiantar-se. Vê os corvos que partem em bando, nuvem fugitiva e sombria. E bruscamente, ao longe um bando de patos bravos em dupla fila triangular.

E o coração de Peer Lobbe expande-se. Como aquelles patos vêm de longe e para longe vão! Como vêm de longe aquellas nuvens e para longe vão! Como o tempo vem de longe e para longe vai. O espaço! O espaço incommensuravel!..

E como a sua alma vem de longe e para longe vai!

Peer Lobe toca o mysterio da eternidade. Sente a approximação de uma cousa em fim, de alguma cousa que é a libertação. Sente que laços quebram-se, que torna-se mais leve e sobe para a claridade.

Não bole mais com as mãos, não bole mais com a cabeça, o corpo immobilisa-se-lhe.

O que jaz ali, delle, aquelle corpo, — elle o vê — é uma cousa inutil e elle o reppellirá.

Mas aquella cousa inutil — Peer Lobbe, vês como ella passou toda a vida ?

Um louro rapazinho brinca na casa paterna, corre pelos caminhos arenosos, ri e brinca na escola.

Um rapaz caminha apressado para as feiras festivas.

Um moço passeia com a namorada sob as tibias escuras do cemiterio.

Elle casa-se com a namorada. E dous filhos nascem...

Dous filhos estão deitados um ao lado do outro no berço e o quarto está pleno de angustias.

Arquejante uma mulher levanta-se do leito, apoia a testa contra o vidro da janella e olha por muito tempo para fóra, para longe, através dos campos ao passo que a aurora surge encantadora.

A cousa inutil cerra os olhos.

Peer Lobbe, aquella cousa inutil torna-se pallido como a aurora nascendo. Está deitado no fundo obscuro do buraco esverdeado como uma claridade immota.

E tal é agora a canção da Morte de Peer Lobbe.

CONFIDENCIAS

— Sim minha tia. Resolvi, e vou me casar *voluntariamente.*

— Então é por pouco tempo? Só durante o periodo das manobras?

Desde que aquelle tremulo ancião me falou na morte dos deuses, certa vez em que eu me achava a olhar o bailado das vagas sobre o mar, que uma ancia nova me fazia pensar constantemente nelle, nas phrases fortes que lhe ouvi, nos gestos másculos que o velho tinha.

Quando me acontecia estacionar ante um rancho contemporaneo de arbitros da Arte, escolhendo typos dispersivos e almas penadas para os torneios do gabinete, via-o sempre entre elles pontificando, cada vez mais velho, sempre nitido e impalpavel como a fumaça.

Durante algum tempo, porém, elle deixou de me apparecer, seus traços apagavam-se lentamente em minha memoria como ao olhar um vulto á distancia se affastando.

Mas certa noite de labor, depois de algumas horas suggestivas de meditação sobre a Belleza, senti repentinamente que em meu craneo as ideias principiavam a bailar como as vagas no mar, o coração parecia suspender o proprio rythmo para movimentar uma imagem imprevista que me vinha trazer de improviso uma singular visão dos tempos heroicos.

Minha cabeça pouco a pouco tornara-se leve, esvasiava-se como uma taça cheia de cinza exposta ao vento e tombei de bruços sobre a escrivaninha, emquanto a inercia material das cousas que me cercavam dominava meu corpo todo.

Tentei ainda um esforço para me libertar desse pesadelo, mas fui vencido emfim. Uma nuvem de pó invadiu-me o craneo, depois outra mais densa, outra mais negra ainda, e em breve, desfazendo imagens e apagando recordações, todo o meu craneo transformou-se em pó, sómente pó havia em minha memoria.

Não passei muitos segundos nesse angustioso delirio mórbido. A poeira foi se adensando, transformava-se em corpo compacto, adquiriu fórma humana, fronte enrugada agora, braços ageis depois e finalmente gestos e voz:

— Não me reconheces, sonhador?

E o tremulo ancião, formado da poeira do meu craneo, surgiu tal qual me apparecera uma unica vez na realidade.

Outra voz, de minh'alma talvez, parecendo sahir do bico da penna tambem falou:

— E's um espectro ou um deus?

O ancião demonstrou certo espanto ouvindo essa pergunta, mas replicou resolutamente:

— Sou o filho da natureza.

E para melhor demonstrar a sua humana origem, bateu significativamente com o index no meio da testa e proseguiu:

— Sou o homem atravessando os seculos. Estou em transito, mas continuarei a minha eterna róta pregando sempre a destruição dos deuses.

A voz da penna vibrou mais forte :

— Os deuses ainda vivem...

O ancião sacudiu a cabeça e cheio de resignação suspirou :

— A permanencia dos deuses na immortalidade durará emquanto o homem não fizer o seu proprio altar na imaginação do povo. O prestigio de um deus forma-se na ruina do vigor humano.

A penna então, com voz sonora e timbre agudo, interrompeu-lhe a prédica :

— Aquelle que me faz vibrar, quando prende a alma á phrase, não tem a covardia de invocar os deuses para livrar-se de suas responsabilidades de homem perante o mundo.

Um sorriso brando bordou nos labios pallidos do ancião o pensamento de incredulidade que lhe brotava no cerebro :

— O dia que tombar o ultimo deus, a belleza humana aperfeiçoará o ceu.

Uma batida brusca na porta do gabinete despertou-me. O ancião permanecia erecto em minha frente como uma estatua de marmore bem acabada em seu pedestal. Esfreguei os olhos para contemplal-o. Elle percebeu a minha angustia e tentou dissipal-a :

— Segundo o que ouvi de sua penna, o senhor parece-me um velho de futuro.

Achei interessante a opinião do ancião a meu respeito e resolvi falar tambem :

— E o senhor é o unico NOVO que encontrei na épocha actual, mas infelizmente os muitos annos já vividos não lhe permittirão mais realisar a mocidade.

Não tinha eu acabado de falar e já o ancião desfazia-se em nuvem, em pó, em nada.

Bateram novamente na porta, talvez um criado obsequioso fosse o importuno que batia, mas ouvindo esse leve rumor, emquanto a vida lá fóra desordenadamente regougava, comprehendi o rythmo ephemero das individualidades no turbilhão secular das gerações.

GARCIA MARGIOCCO

O pudim de óvos

O Silva, ao chegar em casa, encontra sua gentil esposa banhada em lagrimas, porque o gato tinha comido sua primeira tentativa de pudim de óvos, feito por ella, após larga meditação sobre a receita que lhe déra uma amiga.

— Não chores, minha querida, diz-lhe elle para a consolar. Si o pobre gato morrer, eu te arranjo outro.

A's portas do templo

O EBRIO — Eu vou dar dois dedos de prosa... com o Espirito Santo

O fumo e os escriptores

George Sand fumava um numero incrivel de cigarros por dia.

Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Sainte-Beuve não fumavam nunca, e Alexandre Dumas pae fumava pouquissimo.

Emilio Augier abusava do fumo, sendo obrigado a deixal-o, a conselho medico.

Alexandre Dumas filho fumava moderadamente, «para fazer como os outros», como dizia elle. Mas um bello dia renunciou a esse habito, a conselho de um medico seu amigo.